

5

Segundo experimento



Figura 12 - Sem título-12



Figura 13 - Sem título-13



Figura 14 - Sem título-14



Figura 15 - Sem título-15



Figura 16 - Sem título-16



Figura 17 - Sem título-17



Figura 18 - Sem título-18



Figura 19 - Sem título-19

Um arquivo achado, com dois mil slides. Em grande parte deles aparece um senhor, com roupas de militar, ou trajes civis. Em alguns, com a família, em casa, em Copacabana, uma rua depois da minha. Há também fotos de viagens (algumas vezes parece mais que registro, inscrição) – Dakar, Cairo, Ismailia, El Arish, Rafah, Gaza, Khan Yunes, Jerusalém, Hebron, Gibraltar, Tennessee –, e muitas delas são de estradas (Rafah - El Arish, Jerusalém - Samaria, Cairo - Alex). Todos os slides contém duas entradas numéricas, como que indicando duas tentativas de catalogação, além da indicação da data (dia, mês e ano), o que permite situá-los entre 1958 e 1968. Todos também possuem legendas: impressões, pequenas narrativas, descrição do momento, apontamentos sobre como vivem as pessoas daqueles lugares, ou apenas o nome do lugar. Um pequeno grupo de slides aparece sob o título de "Tipos árabes", uma espécie de catalogação de atividades cotidianas, modos de vestir, costumes.

As legendas me impressionam tanto quanto as fotos. Algumas são redundantes, descrevem as fotos ("Mulher árabe", "Mulher puxando

camelo", "Uma garota comprometida. Veja-se o véu"), outras são surpreendentes e sedutoras: "Um posto de gasolina e uma barreira da polícia, com a qual quase briguei por causa da foto"; "Uma mudança de nômades"; "Começa o belo horrível..."; "É possível a amizade mesmo no Oriente Médio"; "Será que eu estraguei a perspectiva?"; "Os dois garotos estragaram o deserto..."; "E a estrada continua..."; "A bruma começa a se dissipar"; "Último trecho que fotografei. Porque?..."

II

Sobre a noção de arquivo, Elisabeth Friedman coloca que a teorização contemporânea sobre essa figura discursiva pode ser lida em termos de uma conversa em curso entre Michel Foucault e Jacques Derrida, a respeito da natureza e função do discurso. Nos escritos dos dois autores, há um distanciamento da noção humanista tradicional do arquivo como uma estrutura unificadora, que possibilitaria acesso direto ao passado. Por outro lado, o arquivo é entendido como uma estrutura instável e descentrada, composta por múltiplos discursos e fluidos vestígios de arquivamento, que permitem, apenas, uma reconfiguração textual do passado. Essa reconfiguração do arquivo aparece na análise historiográfica de Foucault, na qual ele introduz a descontinuidade como o elemento central de seu método arqueológico. Se a historiografia tradicional trabalha para excluir a descontinuidade com o objetivo de proporcionar uma narrativa coerente do passado, em vez de tomá-la como objeto de estudo, em Foucault, a diferença é recolocada como uma ferramenta analítica, um termo crítico presente em cada episteme. E o arquivo é o lugar dessa diferença, dessa descontinuidade.

Com Foucault, o arquivo pode ser lido como um sistema de discurso, que constitui tanto sujeito quanto o objeto de estudo, e determina o que pode ser dito. O arquivo pode ser visto, então, como a expressão de um desejo ambivalente de lembrar, que é também a vontade de esquecer. Já em *Mal de arquivo - uma impressão freudiana*, Derrida parte de uma leitura de Freud, situando a memória como uma estrutura psíquica que lê e registra a experiência para tornar a

subjetividade inteligível. Assim, o autor transfere a questão para o terreno psicanalítico da subjetividade, e coloca o arquivo como uma metáfora da própria memória, ocupando a tensão entre o dito e o não dito. Nesse sentido, para Derrida, a interpretação estabelece seu objeto por meio da participação no arquivo, o que significa que não pode haver uma separação completa entre o sujeito e o objeto da interpretação.

Friedman aponta, ainda, para a pesquisa de Carolyn Steedman, publicada no livro *Dust: The Archive and Cultural History*, na qual Steedman comenta que muito do que existe em um arquivo é poeira, ou, pelo menos, bastante comum, de modo que o encontro do historiador com o passado é definido principalmente pelo que não está contido no arquivo. Ou seja, o que o historiador encontra no arquivo não tem nada a ver com *começo*, mas é simplesmente a evidência de descontinuidades e interrupções: histórias aleatórias, vidas cortadas no meio. Nesse sentido, o arquivo torna-se o local de um encontro com os traços, ausências e aporias.

Mas voltando um pouco para Derrida, o autor coloca que a palavra arquivo remete ao grego *arkhê*, que designa, ao mesmo tempo, *começo* e *comando*. Se *começo* diz da dimensão ontológica do arquivo, *comando* se liga à dimensão da lei, do que regula o arquivo. Nas palavras de Derrida:

De certa maneira, o vocábulo (arquivo) remete bastante bem, como temos razões de acreditar, ao *arkhê* no sentido físico, histórico ou ontológico; isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo em suma, ao *começo*. Porém, ainda mais, ou antes ainda, “arquivo” remete ao *arkhê* no sentido nomológico, ao *arkhê* do comando. (2001, p. 12)

Esse sentido nomológico, de que fala Derrida, tem origem no termo grego *arkheion*, que, por sua vez, refere-se à residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam, que detinham o poder político e tinham o direito de fazer ou representar a lei. Pelo público reconhecimento dessa autoridade, era na casa dos arcontes, e sob sua guarda, que se depositavam os documentos oficiais. No entanto, os

arcontes não eram apenas responsáveis pela segurança do depósito.

Segundo Derrida:

Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos. Depositados sob a guarda desses arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei. (2001, p. 12-13)

Aos arcontes era atribuído o poder de unificação, identificação, classificação e consignação (reunir signos), processos que podem servir tanto para abrigar quanto para dissimular, de acordo com os interesses de quem detém o poder sobre o arquivo. Assim é que Derrida evidencia que a constante tensão entre a manutenção e a repressão da memória decorre desta relação entre o poder e o arquivo.

O arquivo que tenho diante de mim já passou por alguma organização, pela mão de algum (ou alguns) arconte, talvez o próprio fotógrafo, mas chegou até mim completamente desordenado, em termos de uma ordem cronológica. Nesse sentido, o fato de possuir o arquivo, de dar guarda a ele, faz de mim mais que uma historiadora, uma pesquisadora que se serve de um arquivo, me transforma em uma arconte.

Contudo, não me interessa nenhum direito ou competência hermenêutica, ao menos não no que diz respeito a esse experimento. Não me interessa interpretar o arquivo, dar um sentido a ele, apesar do primeiro impulso ser justamente esse: querer ordená-lo, seguir as datas, as pistas, encadear uma história, dar um sentido ao caos. Desvendar os mistérios, saber onde começa e onde termina, se faltam peças, entender quem são as pessoas que aparecem nas fotos, de quem é a voz nas legendas, quem é o fotógrafo, qual o motivo das viagens, da catalogação de tipos, o que leva a fotografar, repetidamente, as estradas.

Por outro lado, as imagens do arquivo sobrevivem em mim, e ativam o desejo de ser outro. Apesar de recusar uma aproximação interpretativa, não consigo me desligar do arquivo, e me colocar completamente exterior a ele. Nesse sentido, recorro à Arfuch e Bakhtin: não há possibilidade de afirmação de uma subjetividade sem

intersubjetividade; mesmo o arquivo mais íntimo e pessoal, se forma na trama das relações sociais, e diz de uma coletividade, de uma época, de uma cultura, de um país. Diz, então, de mim.

III

Há em mim uma paixão por esses slides. O desejo de tomá-los como meus, de experimentar uma vida a partir deles. É possível uma escrita de si a partir da memória do outro? E ser esse senhor, é possível? Ser um militar em plena ditadura, e ter uma família, amigos, momentos de lazer. Viver esse contraste, entre a "vida oficial" e a "vida íntima", trabalho e lazer, disciplina e relaxamento, ordem e prazer, viagem a trabalho e viagem como turista. Ou, ainda, o que seria de mim se tivesse feito essas viagens? O que faria com aquela paisagem? Melhor, o que ela faria de mim?

(Eis aí o experimento: não o que posso fazer com o arquivo, mas o que ele pode fazer de mim)

IV

Em um labirinto de datas, abro mão de qualquer fio, de qualquer cronologia. Aspiro ao grande labirinto. Me interessa o embaralhamento e a sobreposição de contrastes. Me interessa introduzir essas imagens ao meu imaginário. Trocar de sombra.

O mecanismo que escolho para experimentar o arquivo é o projetor e a câmera. Sobreponho os slides, projeto e fotografo. Utilizo a fotografia como um dispositivo que acopla e faz aderir em mim essas imagens projetadas. Me aposso delas através do ato fotográfico, e vejo multiplicar minhas possibilidades, me vejo outra.

(Mas esse processo também não se dá como uma busca, que, em último caso, é uma busca de sentido da vida? A câmera não é, também, um instrumento de interpretação?)

No caso desse experimento, há, sem dúvida, uma busca, mas ela se traduz num desejo de se colocar sensível às imagens e subjetividades

do outro, em se colocar suscetível, afetável por elas. Não me relacionar com o arquivo do ponto de vista da ação, mas, talvez, da passividade. De uma passividade feita de paixão, paciência, receptividade, como uma disponibilidade fundamental, como abertura essencial. Me ex-por, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. A busca, então, é por abrir caminhos, multiplicar possibilidades, ser vários.